



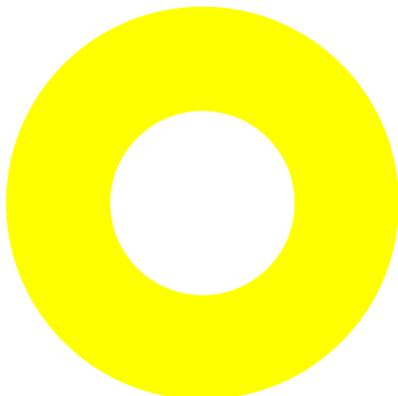
MIGRAÇÕES e REFUGIADOS

Atitudes e perceções dos europeus

Alice Ramos
Ana Louceiro
João Graça

Boletim

Atitudes Sociais
dos Portugueses



4



Rodrigo Bettencourt da Câmara

Os transportadores de memórias, 2016
[work in progress]

ATITUDES PERANTE A IMIGRAÇÃO: DE ONDE VIMOS E ONDE ESTAMOS?

PORTUGAL NA EUROPA EM 2002/03 E 2014/15

Vivemos num mundo de migrações. Hoje, como ontem, um grande número de pessoas desloca-se por iniciativa própria ou é forçada a deslocar-se. Estes movimentos de indivíduos e grupos têm gerado novos tipos de relações sociais que, ao longo da história, têm assumido modalidades que variam entre a cooperação e o conflito aberto. Nos últimos anos, os países europeus têm sido procurados por muitos migrantes, em grande parte refugiados – um fenómeno que se contabiliza em números muito elevados e inclui situações dramáticas como as vividas por aqueles que atravessam o Mediterrâneo onde, ano após ano, se têm perdido largos milhares de vidas humanas.

A pergunta que aqui se coloca é a seguinte: como são vividos, pelos cidadãos europeus, estes fluxos migratórios mais recentes e a chamada ‘crise dos refugiados’?

O European Social Survey (ESS), na sua 7^a edição (2014/15), procurou responder a esta pergunta estudando especificamente as atitudes dos europeus acerca da imigração e recolhendo dados que permitem conhecer os antecedentes dessas atitudes. Assim, foram retomadas muitas das questões já colocadas no módulo sobre a imigração realizado em 2002/03, permitindo uma análise longitudinal, ao mesmo tempo que se introduziram novas questões, destinadas a aprofundar aspetos particulares das atitudes sobre a imigração no contexto atual. O desenho do projeto de pesquisa que subjaz a este novo módulo coube a uma equipa liderada por Anthony Heath, da Universidade de Oxford. Esta equipa integrou investigadores de vários países, entre os quais Alice Ramos, do ICS-ULisboa, e foi selecionada num concurso que o ESS

abre bianalmente para escolha dos módulos temáticos que integram o questionário.

O presente Boletim utiliza dados recolhidos em 2002/03 e 2014/15 em amostras probabilísticas e representativas das populações com idade igual ou superior a 15 anos. As análises relativas a 2014/15 debruçam-se sobre 20 países¹, e as análises comparativas sobre os 18 países que participaram nos dois estudos². As respostas dos inquiridos foram recolhidas nas respetivas residências através de entrevistas presenciais com a duração média de uma hora.

São evidenciados alguns dos tópicos abordados em 2014/15 através de uma análise comparativa e longitudinal com o objetivo de compreender como evoluíram as atitudes dos europeus acerca da imigração ao longo de mais de uma década. Note-se que as análises descritivas que apresentamos estão mais sujeitas a alterações contextuais do que os modelos analíticos que estes dados permitem testar. Os dados de todas as rondas do ESS estão disponíveis em: www.ess.ics.ul.pt ou www.europeansocialsurvey.org

Este Boletim está organizado em torno de quatro questões:

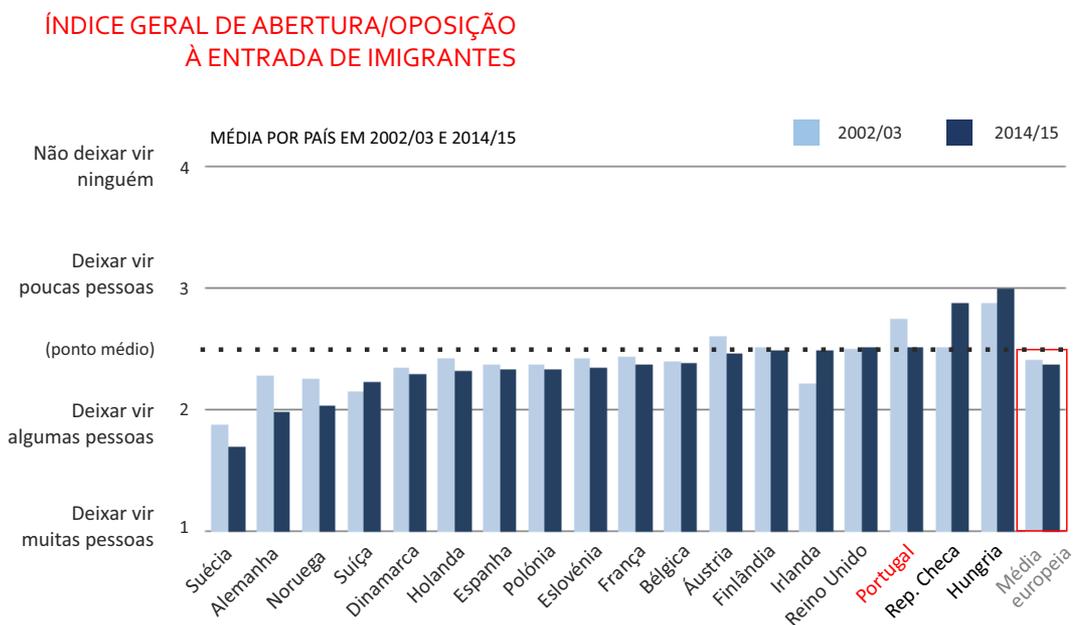
- Abertura ou oposição à entrada de imigrantes?
- São os imigrantes percebidos como uma ameaça?
- Quem pode entrar?
- Abertura ou oposição ao acolhimento de refugiados?

1

ABERTURA OU OPOSIÇÃO À ENTRADA DE IMIGRANTES?

Para quatro perfis distintos de imigrantes, foi solicitado aos inquiridos que exprimissem o grau de abertura/oposição à sua entrada no respetivo país. Uma vez verificada a possibilidade de criar um índice geral de abertura/oposição à entrada de imigrantes, baseado nesses perfis, calculámos a média das respostas para cada país em 2002/03 e em 2014/15³.

Figura 1



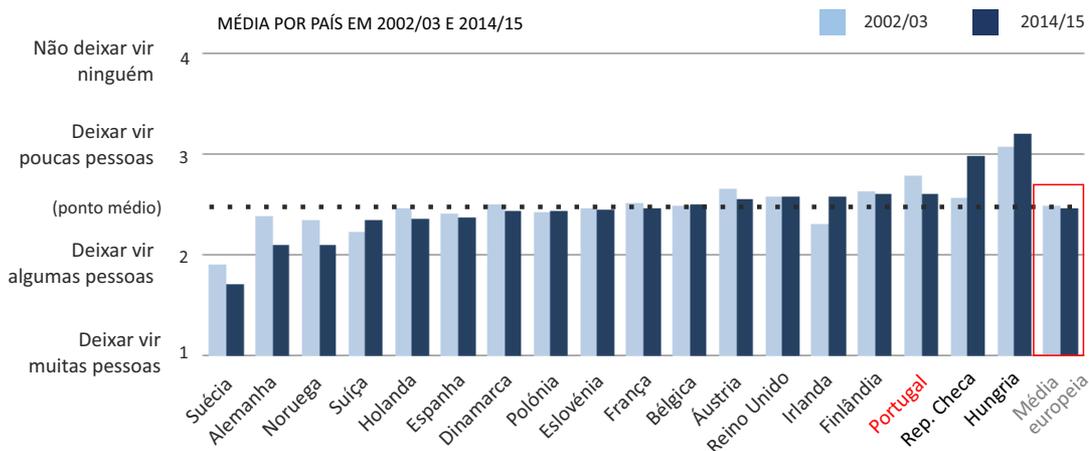
A generalidade dos países apresenta valores próximos do ponto médio da escala. Em 2014/15, destaca-se a Suécia, onde se registam os valores mais abaixo do ponto médio da escala e da média europeia, ilustrativos de uma atitude favorável à entrada de imigrantes. Também a Hungria e a República Checa se destacam, mas no sentido inverso, com valores expressivamente⁴ acima do ponto médio da escala e da média europeia em 2014/15, sendo, assim, os países onde se regista o nível mais elevado de oposição à imigração.

No que respeita à evolução entre 2002/03 e 2014/15, verifica-se uma tendência para a abertura na maioria dos países, com destaque para Portugal, Alemanha, Suécia e Noruega. Contudo, em contraponto à tendência europeia, verificou-se um ligeiro aumento na oposição à entrada de imigrantes em quatro dos 18 países considerados, nomeadamente a Irlanda, a Hungria, a Suíça e a República Checa, país que registou o maior aumento de oposição.

ATITUDE FACE À ENTRADA DE IMIGRANTES DE 'GRUPOS ÉTNICOS DIFERENTES' E 'PAÍSES POBRES NÃO EUROPEUS'

Figura 2

ABERTURA/OPOSIÇÃO À ENTRADA DE IMIGRANTES DE 'GRUPOS ÉTNICOS DIFERENTES' E 'PAÍSES POBRES NÃO EUROPEUS'



O padrão dos resultados relativos à entrada de imigrantes de grupos étnicos percebidos como diferentes, e de países pobres não europeus, é muito semelhante aos resultados do indicador geral, observados na figura anterior. Com efeito, a generalidade dos países apresenta valores médios que se situam perto do ponto médio da escala. Também aqui a Suécia e a Hungria se destacam, por registarem em 2014/15, respetivamente, os valores mais abaixo (maior abertura) e mais acima (maior oposição), do ponto médio da escala e da média europeia.

Em termos de evolução entre 2002/03 e 2014/15, volta a verificar-se uma tendência de diminuição dos valores médios em vários países, indicativos de uma mudança de atitude no sentido da abertura, com destaque para Portugal, Alemanha, Suécia e Noruega. Contudo, em contraponto à tendência europeia, e como já referido em relação ao índice geral, verificou-se um ligeiro aumento na oposição à entrada de imigrantes em quatro dos 18 países considerados: a Irlanda, a Hungria, a Suíça e a República Checa.

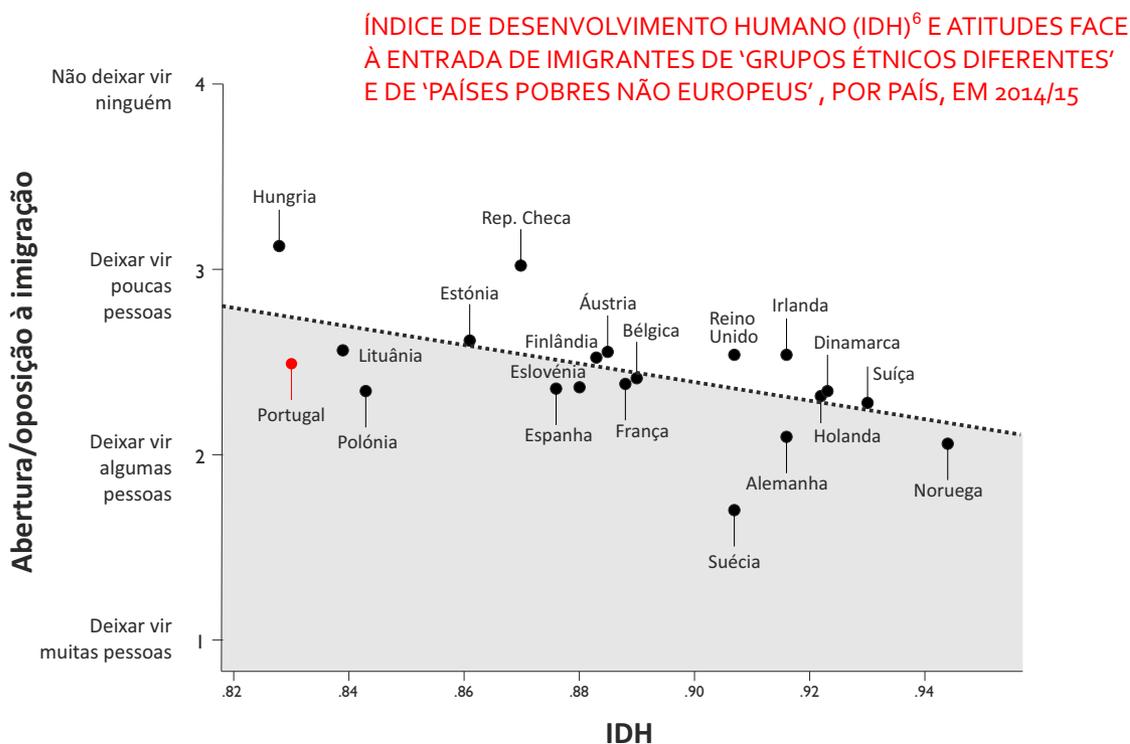
Os resultados de uma análise de tendência⁵ para Portugal mostram um ligeiro aumento de oposição entre 2002/03 e 2006/07, uma estabilização em 2008/09 e algumas oscilações até à progressiva inversão da tendência, culminando numa redução dos valores médios de oposição em 2014/15 e na diminuição da distância em relação à média europeia. No que respeita à tendência europeia, os resultados mantêm-se bastante próximos do ponto médio da escala ao longo do período considerado.

Estes resultados, tão semelhantes aos do índice geral, não apagam totalmente as diferenças entre alvos específicos da atitude perante a imigração, mas permitem pensar que se trata de uma atitude geral que poderá evoluir de forma mais positiva ou mais negativa relativamente a qualquer dos alvos considerados em função de fatores contextuais.

A figura 3 ilustra a correlação negativa⁷ entre a atitude face à entrada de imigrantes e o IDH dos países participantes em 2014/15. Verifica-se que quanto maior o IDH, maior a abertura à entrada de imigrantes de países pobres não europeus e de grupos étnicos percebidos como diferentes da maioria.⁸

Uma vez que o IDH é um índice composto (esperança de vida, anos médios de escolaridade e rendimento interno bruto), procedemos a nova análise agora apenas com o PIB. A correlação revelou-se igualmente negativa⁹. Assim, quanto maior o PIB, menor a oposição à imigração. Ou seja, os países mais desenvolvidos do ponto de vista socioeconómico são, tendencialmente, aqueles em que as pessoas se opõem menos à imigração. Estudos realizados na Europa mostram, também, que o incremento do fluxo de imigrantes não tem impacto significativo nas atitudes perante a imigração.¹⁰

Figura 3



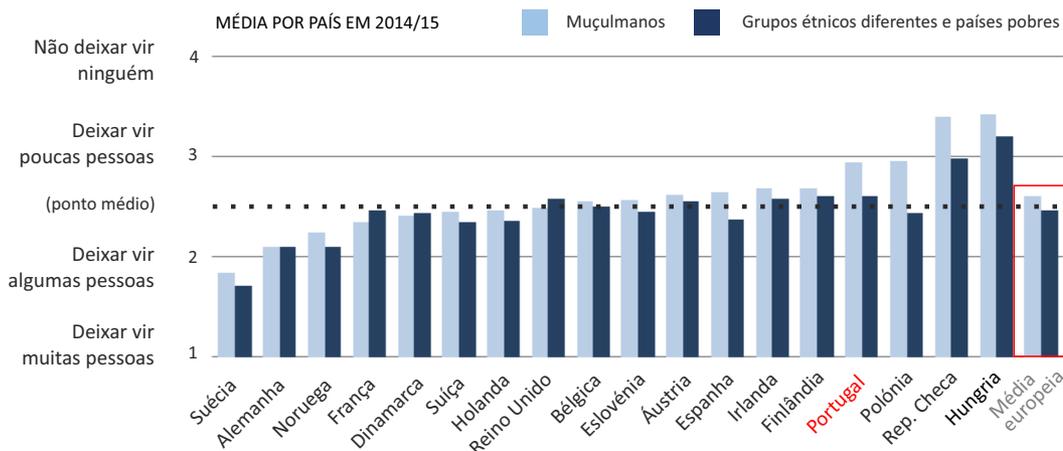
ATITUDE FACE À ENTRADA DE IMIGRANTES MUÇULMANOS

A generalidade dos países apresenta valores relativos à entrada de imigrantes muçulmanos em torno do ponto médio da escala, mas com um maior número de países a afastar-se desse ponto médio. De novo, os valores observados na Suécia são os que se situam mais abaixo do ponto médio da escala e da média europeia, revelando maior abertura. No sentido inverso, destacam-se Portugal, Polónia e, sobretudo, República Checa e Hungria com valores de oposição mais acima das duas médias referidas.

Comparativamente, verifica-se que as pessoas se opõem mais à entrada de imigrantes muçulmanos do que à entrada de imigrantes de países pobres não europeus e de grupos étnicos diferentes dos da maioria. Destacam-se neste sentido Portugal, Polónia, República Checa, Hungria e Espanha. Contudo, este padrão não se verifica em países como a Alemanha e a Dinamarca, ou tende mesmo a inverter-se em países como a França ou o Reino Unido.

Figura 4

ABERTURA/OPOSIÇÃO À ENTRADA DE IMIGRANTES MUÇULMANOS E DE IMIGRANTES DE 'GRUPOS ÉTNICOS DIFERENTES' E DE 'PAÍSES POBRES NÃO EUROPEUS'



2

SÃO OS IMIGRANTES PERCEBIDOS COMO UMA AMEAÇA?

Após a descrição dos dados referentes à atitude geral face à imigração, iremos agora focar a análise nas percepções de ameaça associadas aos imigrantes. Estudos realizados na Europa, mas também em diferentes contextos internacionais, têm mostrado que estes sentimentos de ameaça são um dos factores que melhor explica a oposição à imigração. Ou seja, quando os imigrantes constituem fonte de preocupação porque se crê que reduzem a oferta de trabalho e/ou sobrecarregam o sistema de apoios e benefícios sociais (ameaça económica), contribuem para o aumento da criminalidade (ameaça à segurança) ou põem em perigo a identidade cultural e os valores nacionais

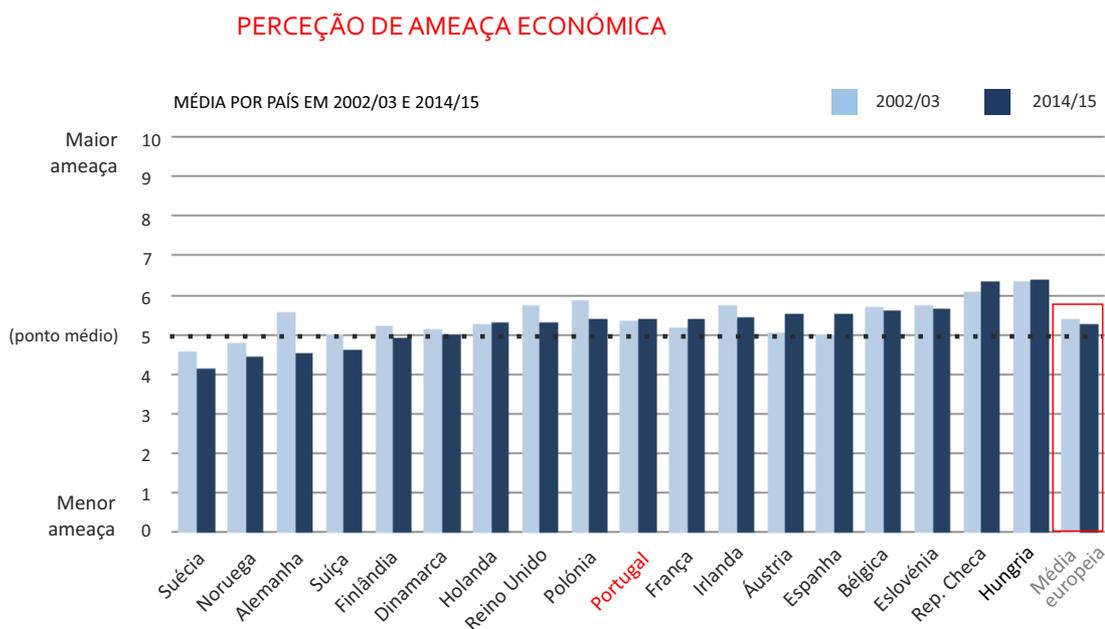
(ameaça simbólica), estão criadas as condições que potenciam a sua rejeição¹¹. Alguns estudos têm, inclusivamente, mostrado que as percepções de ameaça, para além de serem factores explicativos da oposição à imigração, servem como justificação para atitudes mais enraizadas, como o racismo e o preconceito. Quer isto dizer que o recurso ao argumento de que os imigrantes ameaçam o bom funcionamento da sociedade para justificar a oposição à imigração pode ser uma forma de legitimar atitudes que, nas sociedades europeias atuais, são contrárias às normas democráticas do igualitarismo e do anti-racismo.¹²

PERCEÇÃO DE AMEAÇA ECONÓMICA¹³

Os valores médios de percepção de ameaça económica situam-se tendencialmente em torno do ponto médio da escala, havendo contudo países que se posicionavam já abaixo deste ponto em 2002/03, como a Suécia e a Noruega, aos quais se juntam em 2014/15 a Alemanha e a Suíça. Neste último período sobressaem a Espanha, a Bélgica e a Eslovénia, com valores de ameaça percebida superiores ao ponto médio da escala, e a Hungria e a República Checa com valores também acima da média europeia.

No que respeita à evolução entre os dois períodos, regista-se uma diminuição tendencial da ameaça económica na maioria dos países, sobretudo na Alemanha, na Suécia, na Noruega, no Reino Unido e na Polónia.

Figura 5

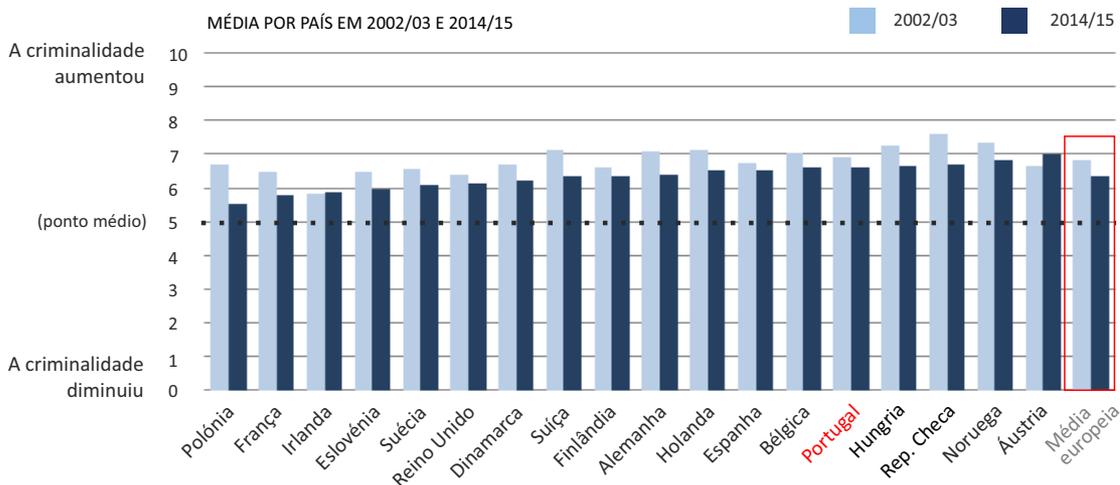


PERCEÇÃO DE AMEAÇA À SEGURANÇA¹⁴

É generalizada a percepção de que os imigrantes tendem a contribuir para o aumento da criminalidade. Na verdade, em todos os países se observa que as médias de ameaça à segurança são significativamente superiores ao ponto médio da escala. Não obstante, no que respeita à evolução entre 2002/03 e 2014/15, verifica-se uma tendência de diminuição dos valores médios em todos os países (com exceção da Irlanda) e na média europeia, com destaque para as descidas mais acentuadas na Polónia, em França, na Suíça, na Alemanha, na Holanda, na República Checa e na Hungria.

Figura 6

PERCEÇÃO DE AMEAÇA À SEGURANÇA



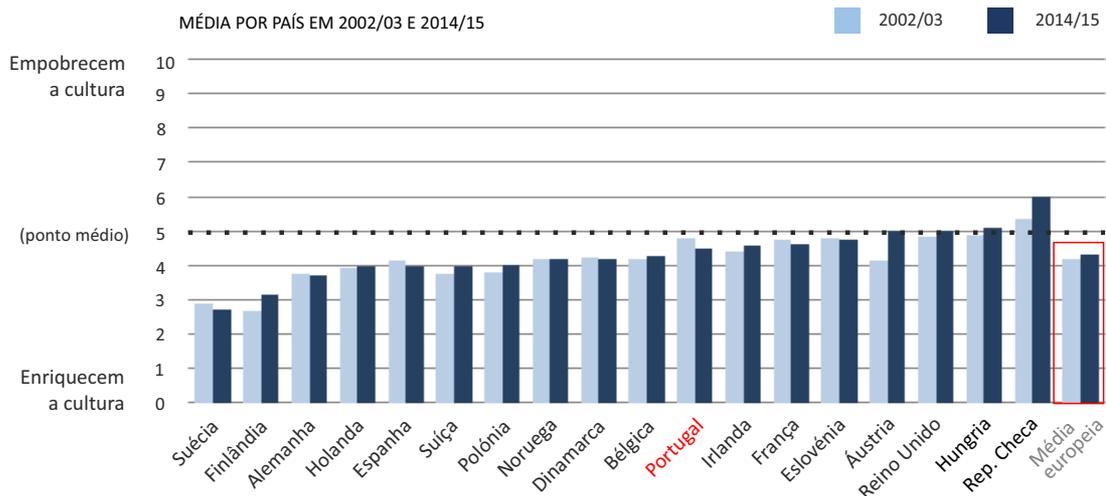
PERCEÇÃO DE AMEAÇA CULTURAL¹⁵

Relativamente ao impacto da imigração nos valores e identidade dos países de acolhimento, a maioria dos países apresenta valores que se aproximam de uma opinião favorável, ou seja, que a presença de imigrantes tende a enriquecer a cultura do país de acolhimento. Contrariando a tendência europeia, destacam-se a Áustria, o Reino Unido e a Hungria, com valores de ameaça cultural muito próximos do ponto médio da escala e a República Checa a ultrapassar este valor.

No que respeita à evolução dos valores médios de ameaça cultural percebida, verifica-se uma tendência de estabilidade na maioria dos países e na média europeia, embora se observe uma tendência de subida na Finlândia, na Suíça, na Polónia, na Irlanda, na Áustria, no Reino Unido, na Hungria e na República Checa, e uma tendência de descida em Portugal e na Suécia.

Figura 7

PERCEÇÃO DE AMEAÇA CULTURAL





Rodrigo Bettencourt da Câmara

Os transportadores de memórias, 2016
[work in progress]

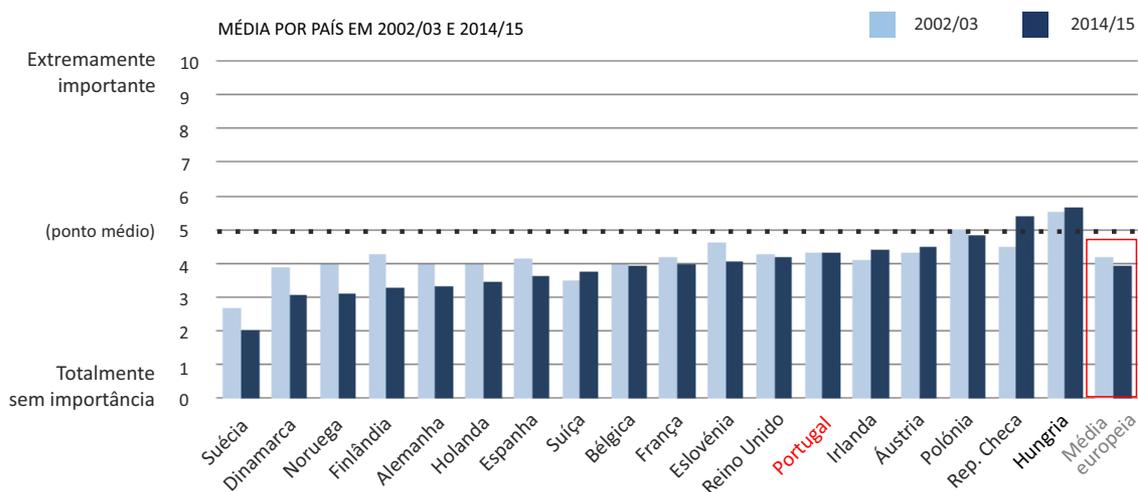
3

QUEM PODE ENTRAR?

Referimos anteriormente que as percepções de ameaça podem constituir elementos cruciais num processo de legitimação de atitudes preconceituosas ou racistas face aos imigrantes. Neste contexto, a preferência por determinados critérios de seleção de imigrantes pode incorporar uma necessidade de autoproteção expressa na preferência por imigrantes 'brancos', 'cristãos' e 'capazes de falar a língua do país de acolhimento'¹⁶. Estes três critérios agregam-se num único fator que designámos por etnicista, e remetem para uma conceção “adscritiva” das características referidas, embora nenhuma delas efetivamente o seja, com exceção da cor.

Figura 8

IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDA A CRITÉRIOS ETNICISTAS NA SELEÇÃO DE IMIGRANTES



No que respeita à importância atribuída a critérios etnicistas na seleção de imigrantes (ser branco, ter formação cristã e falar a língua do país de acolhimento), os resultados sugerem uma tendência para a sua desvalorização. De facto, em 2014/15, com a exceção dos casos da Hungria, da República Checa e da Polónia, todos os países apresentam valores médios significativamente abaixo do ponto médio da escala. Em comparação com a média europeia, apenas Suécia, Dinamarca, Noruega, Finlândia, Alemanha, Holanda, Espanha e Suíça se encontram claramente abaixo dessa média, e Hungria, República Checa, Polónia, Irlanda e Portugal acima dela.

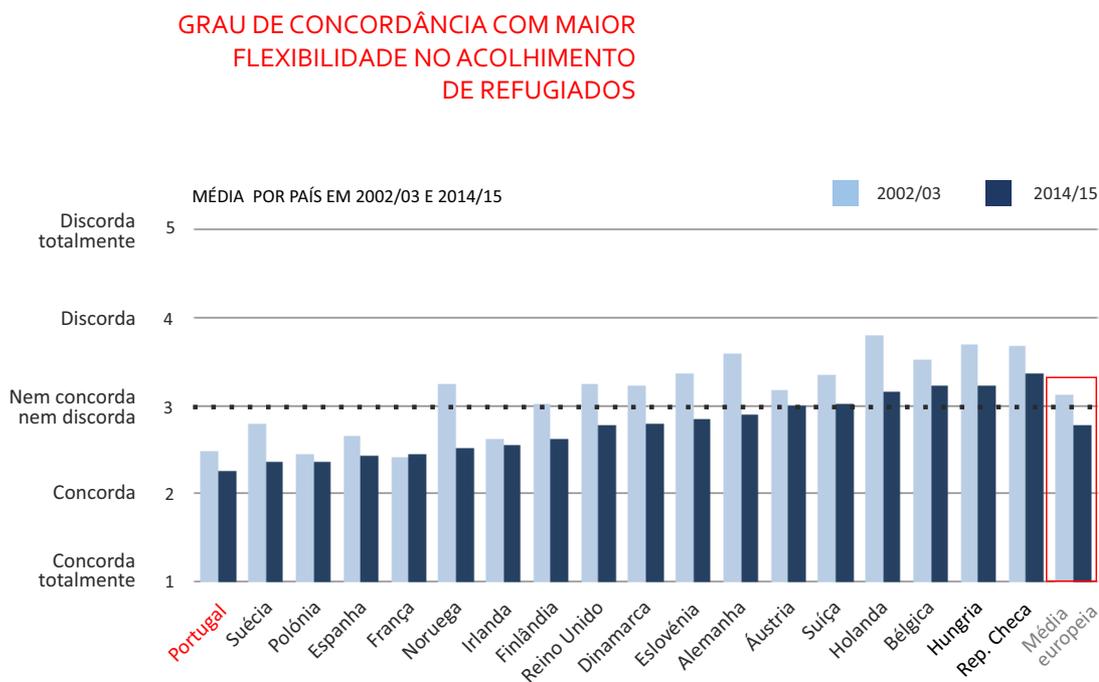
Note-se, ainda, a tendência para a redução da importância atribuída aos critérios etnicistas. Com efeito, em 12 dos 18 países considerados a importância atribuída diminuiu em 2014/15, com destaque para a Finlândia, a Noruega e a Dinamarca. Contrariamente à tendência europeia, verificou-se um ligeiro aumento na importância atribuída a estes critérios na Irlanda, na Áustria, na Suíça, na Hungria e na República Checa.

4

ABERTURA OU OPOSIÇÃO AO ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS?

A atitude relativamente ao acolhimento de refugiados foi medida através de uma pergunta sobre o grau de flexibilidade (ou abertura) que os inquiridos consideram que os governos nacionais devem ter na avaliação dos pedidos de asilo¹⁷. Esta pergunta também foi feita no inquérito de 2002/03 do ESS, o que permite observar a evolução da abertura atitude face ao acolhimento de refugiados.

Figura 9



O resultado que mais sobressai é a mudança de atitude, na maioria dos países, que vai no sentido da aceitação dos refugiados. Porém, a Holanda, a Bélgica, a Hungria e a República Checa, que já manifestavam em 2002/03 maior rejeição do que abertura, mantêm essa posição com valores tendencialmente acima do ponto médio da escala e da média europeia.

Importa, então, procurar saber se os refugiados são percebidos como um grupo específico ou como imigrantes, nomeadamente, percebidos como pertencentes a 'grupos étnicos diferentes' e 'oriundos de países pobres não europeus'.

Tabela 1

CORRELAÇÃO ENTRE O ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS E AS ATITUDES PERANTE IMIGRAÇÃO

	Europa		Portugal	
	2002/03	2014/15	2002/03	2014/15
Índice geral de abertura/oposição à imigração	.35	.42	.26	.27
Abertura/oposição a imigrantes de 'grupos étnicos diferentes' e 'países pobres não europeus'	.36	.42	.26	.28

No conjunto dos países europeus verifica-se, entre 2002/03 e 2014/15, o incremento da associação entre imigrantes e refugiados. Esta associação cresce a nível europeu igualmente quando se considera os imigrantes no seu conjunto ou quando se considera especificamente os imigrantes definidos como 'pertencentes a grupos étnicos diferentes' e 'oriundos de países pobres não-europeus'. Em Portugal verifica-se uma menor associação refugiados/imigrantes, não tendo este resultado crescido de 2002/03 para 2014/15. Contrariamente, a República Checa e a Polónia foram os países onde a sobreposição entre os dois grupos mais aumentou, ou seja, onde a distinção inicial entre imigrantes e refugiados mais se esbateu.

5

CONCLUSÕES

De uma forma geral, os resultados revelam alguma estabilidade nas atitudes face aos imigrantes e à imigração entre 2002/03 e 2014/15. No entanto, no conjunto dos países europeus, verifica-se tendencialmente uma abertura maior à imigração e uma posição mais positiva perante os imigrantes.

Relativamente à entrada de imigrantes, qualquer que seja o grupo e, especificamente, no que se refere a pessoas percebidas como pertencentes a 'etnias diferentes', a 'países pobres não europeus' e ainda no caso de imigrantes muçulmanos, encontramos um padrão consistente: maior abertura por parte da Suécia, da Noruega e da Alemanha, e maior oposição por parte da República Checa e da Hungria.

Sabemos que um dos fatores que estrutura a oposição à imigração é a perceção de que os imigrantes constituem uma ameaça à economia, à segurança pessoal e aos valores e à identidade. No conjunto dos países europeus, verifica-se uma tendência para a redução da perceção de ameaça no domínio económico (i.e. a medida em que os imigrantes são vistos como prejudiciais à economia, ao mercado de trabalho e ao sistema de benefícios sociais). O mesmo se observa no que se refere à ameaça à segurança, ou seja, diminui a perceção de que os imigrantes contribuem para o aumento da criminalidade. Contudo, esta tendência de redução não ocorre no que toca à perceção de ameaça aos valores e à identidade dos países de acolhimento, subindo mesmo na Áustria, no Reino Unido, na Suíça e na Irlanda, bem como na Finlândia, na Hungria, na República Checa e na Polónia.

No que toca à seleção dos imigrantes verifica-se uma redução da relevância dos critérios etnicistas, resultado que está de acordo com a tendência para a diminuição da perceção de que os imigrantes constituem uma ameaça, pois a importância atribuída àqueles critérios decorre do facto de os 'não-brancos', os 'não-cristãos' e os 'que não falam a língua do país de acolhimento' serem vistos como fonte de ameaça. Note-se, porém, que a relevância atribuída aos critérios etnicistas está acima da média europeia na Hungria, na República Checa e na Polónia, bem como na Irlanda e em Portugal.

A atitude perante o acolhimento de refugiados é, em 2014/15, mais positiva do que o era em 2002/03 e mais positiva do que a atitude face à receção de imigrantes em geral. No entanto, a associação refugiado/imigrante aumentou, indicando que, na média dos países europeus, os refugiados poderão vir a ser no futuro objeto de uma avaliação menos positiva do que o são hoje.

A análise realizada centrou-se na média das avaliações por país e para o conjunto da Europa. Ora, este procedimento pode induzir a ideia de que o facto de as avaliações se centrarem geralmente em torno do ponto médio das medidas utilizadas signifique uma homogeneidade de opiniões. Contrariamente a essa perceção, no conjunto da Europa, verificamos uma divisão, quer em 2002/03, quer em 2014/15, entre os que manifestam abertura à imigração (cerca de 59%) e os que manifestam rejeição (cerca de 41%). Também para Portugal se verifica esta mesma divisão, sendo que cerca de 56% revelam atitudes mais favoráveis e cerca de 44% atitudes menos favoráveis. A divisão encontrada em Portugal e na média europeia é semelhante à identificada na maioria dos países. Contudo, há países onde se verifica um forte consenso (acima de 70%) a favor da imigração, como a Suécia, a Noruega e a Alemanha, e países onde se verifica um forte consenso contra a imigração (acima de 70%), como a Hungria e a República Checa. Entre estes dois extremos encontra-se a maioria dos países europeus, mas é precisamente nestes países que mais facilmente podem ocorrer mudanças em qualquer dos sentidos, em função de fenómenos contextuais repentinos ou inesperados.

Uma compreensão mais rigorosa destes processos requer a análise do impacto das normas sociais, isto é, de que forma e em que condições essas normas influenciam as atitudes face aos imigrantes e aos refugiados. Os dados que aqui apresentámos de uma forma meramente descritiva, apelam ao teste de modelos teóricos, numa perspetiva multinível que incluam, para além das motivações individuais dos respondentes, os contextos socioestruturais onde as interações sociais se constroem.

- ¹ Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Irlanda, Lituânia, Noruega, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Suécia e Suíça (N= 40.000 indivíduos). Israel não foi incluído porque pretendemos centrar a análise na Europa.
- ² Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Holanda, Hungria, Irlanda, Noruega, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Suécia e Suíça.
- ³ Os resultados de uma análise fatorial mostraram que os seguintes indicadores formam um único fator: “Em que medida acha que [país] deve deixar que venham e fiquem a viver cá: a) pessoas da mesma raça ou grupo étnico da maioria [nacional]; b) pessoas de raça ou grupo étnico diferente do que a maioria [nacional]; c) pessoas dos países mais pobres da Europa; d) pessoas dos países mais pobres fora da Europa”. (1 -Deve deixar vir muitos; 2-Deve deixar vir alguns; 3- Deve deixar vir poucos; 4-Não deve deixar vir nenhuns).
- ⁴ Dado o grande número de respondentes, mesmo pequenas diferenças são estatisticamente significativas, pelo que preferimos adoptar aqui um critério qualitativo. Assim, para efeitos descritivos, no presente boletim consideram-se como expressivos os valores situados 0,5 pontos acima ou abaixo do ponto médio da escala e da média europeia.
- ⁵ Regressão polinomial (e.g. Field, Andy (2009) *Discovering Statistics using SPSS*, Sage).
- ⁶ UNDP, Human Development Report 2015: Work for Human Development. O Índice de Desenvolvimento Humano é um índice composto que agrega os seguintes indicadores nacionais: esperança de vida à nascença; escolaridade média; e rendimento nacional bruto *per capita*.
- ⁷ $\beta = -0,58$, $t(19) = -3,02$, $p < 0,01$, $R^2 = 0,34$
- ⁸ Na interpretação das correlações apresentadas importa considerar que os casos estão agregados ao nível do país, o que pode resultar em valores inflacionados. Apenas uma “análise multinível” pode oferecer uma resposta precisa (e.g. Hox, J.J. (2002). *Multilevel analysis: techniques and applications*. Mahwah, NJ: Erlbaum.).
- ⁹ $\beta = -0,56$, $t(19) = -2,9$ $p < 0,05$, $R^2=0,32$
- ¹⁰ Semyonov, M., Raijman, R. e Gorodzeisky, A. (2008). Foreigners’ impact on European societies: public views and perceptions in a cross-national comparative perspective. *International Journal of Comparative Sociology* 49:5–29.
- ¹¹ e.g. Stephan, W. G., e Stephan, C.W. (1996). Predicting prejudice. *International Journal of Intercultural Relations* 20 (3): 409–426.
- ¹² e.g. Pereira, C., Vala, J. e Costa-Lopes, R. (2010). From prejudice to discrimination: The legitimizing role of the perceived threat in discrimination against immigrants. *European Journal of Social Psychology* 40: 1231–1250.
- ¹³ Esta variável resulta da agregação dos seguintes itens: “Continuando a pensar nas pessoas que vêm viver e trabalhar para [país]: a) acha que isso é mau ou bom para a economia [nacional]?” (0-mau a 10-bom); b) tiram os empregos aos trabalhadores [nacionais], ou em geral ajudam a criar novos empregos? (0-tiram empregos a 10-ajudam a criar empregos); c) A maior parte trabalha e paga impostos. Também tem acesso à saúde e à segurança social. Considerando tudo isto, acha que estas pessoas, em geral, recebem mais do que dão ou dão mais do que recebem?” (0-recebem mais a 10-dão mais). Os itens foram recodificados de modo a valores mais elevados corresponderem a maiores níveis de percepção de ameaça económica.
- ¹⁴ “Acha que com a vinda dessas pessoas a criminalidade aumentou ou diminuiu em [país]?” (0-aumentou a 10-diminuiu). O item foi recodificado de modo a valores mais elevados corresponderem a maiores níveis de percepção de ameaça à segurança.
- ¹⁵ “E acha que essas pessoas empobrecem ou enriquecem os costumes, as tradições e a vida cultural em [país]?” (0-empobrecem a 10-enriquecem). O item foi recodificado de modo a valores mais elevados corresponderem a maiores níveis de percepção de ameaça cultural.
- ¹⁶ Esta variável resulta da agregação dos seguintes itens: “Da seguinte lista de aspectos diga qual a importância que deve ser dada a cada um deles para deixar vir para cá alguém que nasceu, foi educado e viveu fora de [país]. ... saber falar [língua do país]? ... ter formação cristã? ... ser branco?” (0-não deve ser dada importância nenhuma a 10-deve ser dada muita importância).
- ¹⁷ “O governo devia ser compreensivo na avaliação dos pedidos de estatuto de refugiado.” (1-concorda totalmente; 2-concorda; 3-nem concorda nem discorda; 4-discorda; 5-discorda totalmente).

PARA SABER MAIS

Malheiros, J., Fonseca, M.L. (2011). *Acesso à Habitação e Problemas Residenciais dos Imigrantes em Portugal*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).

André Corrêa d’Almeida (2011). *Impacto da Imigração em Portugal nas Contas do Estado* Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).

Peixoto, J., Marçalo, C., Tolentino, N.C. (2011). *Imigrantes e Segurança Social em Portugal*. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).

Pereira, C., Vala, J., Costa-Lopes, R. (2010). From Prejudice to Discrimination: The Legitimizing Role of Perceived Threat In discrimination against Immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 40, 1231–1250.

Vala, J., Pereira, C., Ramos, A. (2006). Preconceito racial, percepção de ameaça e oposição à imigração. In J. Vala e A. Torres (Orgs.), *Contextos e Atitudes Sociais na Europa* (221–250). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

O European Social Survey em Portugal

O *European Social Survey* é uma infraestrutura europeia de investigação que analisa, desde 2002/03, as mudanças no tecido social europeu. Em Portugal, o ESS é financiado pela FCT e realizado por um consórcio constituído pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa), que coordena, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP-ULisboa) e pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), sendo a comissão executiva dirigida por Jorge Vala. As bases de dados de todas as rondas do ESS são de acesso livre e encontram-se em www.ess.ics.ulisboa.pt ou www.europeansocialsurvey.org.

Comissão Executiva

Jorge Vala (ICS-ULisboa); Anália Torres (ISCSP-ULisboa); Alice Ramos (ICS-ULisboa)

Conselho Consultivo

Instituto de Sociologia - Universidade do Minho; Centro de Estudos Sociais (CES-Universidade de Coimbra); Centro de Investigação e Intervenção Social (CIS/ISCTE-IUL); Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES/ISCTE-IUL); Centro de Estudos sobre Mudança Socioeconómica (Dinâmia/ISCTE-IUL); Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações (SOCIUS/ISEG).

Instituições

Instituto de Ciências Sociais (ICS-ULisboa); Centro de Investigação e Estudos em Sociologia (CIES/ISCTE-IUL); Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP-ULisboa)

Publicações (Imprensa de Ciências Sociais)



Entidade
Financiadora

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA